

Tecendo um olhar decolonial: o Toré e a cosmopercepção Potiguara (Paraíba)

por Claudia Moreira e Pedro Ka'aguasu Potiguara

Claudia Moreira é aluna no doutorado em antropologia PPGAS/UFRN e pesquisa Movimento Indígena no Rio Grande do Norte, com financiamento CAPES.

Pedro Ka'aguasu Potiguara é aluno no mestrado em antropologia da UFRN. Pesquisa concepções de saúde entre os Potiguara. Professor da língua tupi em uma escola indígena na Paraíba.

O texto apresenta o trabalho final do curso Teoria Antropológica Contemporânea ministrada pela Professora Ana Gretel Echazú Böschmeier no semestre 2021.2 do PPGAS/UFRN.

“Todas as histórias são grandes demais e pequenas demais”. (Haraway, 2016)

Pretendemos a partir de autoras que encaminham um debate epistemológico descentrado no âmbito da antropologia (La Cadena, 2019; Haraway, 2016; Todd, 2015) tematizar alguns aspectos da cosmopercepção Potiguara. A elaboração da reflexão partiu da análise de uma peça artesanal, precisamente um tecido em juta natural bordado com linhas coloridas inspirado na obra da Violeta Parra (1917 – 1967).

Para construir esta abordagem ocorreram diversos momentos de trocas com os colegas do curso Teoria Antropológica Contemporânea na UFRN. O artefato apreendido como um texto (La Cadena, 2016) possibilitou abordar concepções sobre saúde nas práticas cotidianas mediadas através do Toré. Na experiência Potiguara uma representação cosmológica relacionada com os aspectos de saúde (inclui a dimensão espiritual) envolve a flecha que é cantada nos ritos do Toré. A figura da flecha ocupou a maior parte da peça artesanal, além da árvore tão emblemática na obra artística da Violeta Parra.

Para tecer a reflexão sobre os sentidos dados à flecha, consideramos um conjunto de narrativas tomados como parte de uma história oral (Haraway, 2016), que é reconstruída, contextualizada e tornada específica na cosmopercepção Potiguara.



A flecha emergiu como um dos componentes de um saber presente na dimensão não-humana mencionada e vivenciada nas canções do Toré nas aldeias Potiguara (1).

As escolas oferecem educação escolar indígena dentro dos parâmetros curriculares e de acordo com as especificidades do povo indígena. Vivencia-se o aprendizado. A maioria dos professores possui o Ensino Superior. A língua Tupi Potiguara é ofertada aos alunos desde a Educação Infantil ao Ensino Médio. Como parte das “performances cosmológicas” Potiguara, o Toré é vivenciado diariamente no âmbito escolar, como meio de proteção nas ocasiões de chegada e de saída para o livramento dos mesmos; o que pode ser lido também como atitude crítica e integradora “para adiar o fim do mundo” (KRENAK, 2019).

Para alguns não indígenas o Toré exhibe uma forma de apresentação cultural folclórica. Escrever sobre o tema nos coloca na posição de colaborar com “estratégias permanentes de contestação, desposseção, ordem jurídica nas epistemologias indígenas (não somente “Folklore”)” (Todd, 2015 p. 55). Os trechos a seguir são “pontos” de Toré em Tupi Potiguara e sua tradução para o português. Os trechos são explanados por Pedro Ka’aguasu Potiguara, um dos autores deste texto, que também fez a transcrição das narrativas que contam sobre os antepassados.

(1) Os Potiguara possuem uma população superior a 20 mil indígenas vivendo em 32 aldeias situadas nos municípios de Baía da Traição, Marcação e Rio Tinto, no Litoral Norte do Estado da Paraíba. A organização política mantém um cacique em cada aldeia, um cacique geral e várias lideranças indígenas. O Povo Potiguara tem resistido a invasão das três Terras Indígenas. A TI Potiguara de São Miguel (Baía da Traição) e a TI de Jacaré de São Domingos (em Marcação), são homologadas e registradas. A Terra Indígena de Monte Mor apenas é declarada, não homologada pelo Governo Federal, situação que reflete a questão indígena no Brasil. Os Potiguara se relacionaram com os primeiros órgãos estatais de política indigenista (séc. XX), contudo, a questão fundiária segue indefinida.

Fotografias do processo de construção da peça artesanal.
Acervo pessoal dos autores, 2021

(T'IANHE'ENGAR?)

Asó oíei ka'ape; Asó eíra t'aíar
Osyk kuribokĩ Tupyíá esapy'a
Kuriboka Juremĩ aporasei nde Toré
T'aíepysyrõ, Jurema, Kanindé ru'uba ri (bis)
A'e kanindé, a'e Kanindé
Taseítýk Jurema'yba kanindé resé (bis)

(VAMOS CANTAR?)

Minha caboca de pena,
Eu dancei no seu Toré
Para me livrar das flechas
Dos Tapuio Canindé. (BIS)
Rei Canindé, ou Rei Canindé
Palmas de Jurema Pro Rei Canindé. (BIS)

Contam os nossos ancestrais Potiguara que havia dois irmãos gêmeos vivendo na mesma aldeia. Ocorriam guerras constantes entre eles. Certo dia, o parente Tapuia Canindé resolveu dividir a aldeia. E assim o fez, transformando em duas aldeias Potiguara. Cada um dos irmãos se tornou Cacique, muito conhecido na época por 'REI'. A distância que separava cada aldeia era dois dias de viagem (a pé) e mesmo distante, eles continuavam a guerrear entre si. Só que essa guerra não era uma briga entre os dois grupos e sim, era uma briga de feitiçaria.

Quando no Rito do Toré Potiguara canta: “Minha caboca de pena, eu dancei no seu Toré, para me livrar das flechas, dos Tapuio Canindé”, esse ritual do Toré era uma forma dos parentes fechar o corpo contra as investidas das flechas enfeitiçadas que vinham do Tapuio Canindé para prejudicar seu irmão Rei Canindé. O parente Tapuio Canindé enviava suas flechas com feitiço venenoso e os Reis Canindé as transformavam em animais, em árvores. Contudo, algumas vezes, as flechas enviadas pelo Tapuio Canindé eram fortes e, quando pegava em algum parente da aldeia, ocasionava a morte física. Mas, o Rei Canindé, em defesa, mandava de volta a flecha que foi lançada pelo seu irmão, e quando chegava no local de origem, muitos parentes também vinham a óbito por causa da própria feitiçaria. Quando cantamos: “Rei Canindé, ou Rei Canindé, Palmas de Jurema, Pro Rei Canindé”, e ao final do rito, “palmas de Jurema pro Rei Canindé” é uma forma de agradecer pelas vidas poupadas que o Rei Canindé salvou. O Tapuio Canindé sempre foi mal, *agorento* e perverso. Já o rei Canindé era bondoso, generoso, honesto e correto.

Os dois reis, Tapuio Canindé e o Rei Canindé, morreram no mesmo dia e na mesma hora. Os filhos deles ocuparam a posição de cacique nas aldeias. Eles fizeram um acordo para que cada aldeia doasse um *kurumĩ* (menino) e uma *kunhataĩ* (menina) para que se casasse e selasse o pacto. As duas aldeias ficaram pacificadas sem brigas entre os parentes. Nesse caso, quem sonha com o parente Tapuio Canindé pode lançar a flecha enfeitiçada contra os parentes ou não. Quem sonha com o Rei Canindé vai saber como se livrar das flechas enfeitiçadas e como transforma-las em sabedoria.

Fotografia da peça artesanal. Acervo pessoal dos autores, 2021



(T'IANHE'ENGAR?)

Ixé aguapyk itápo'ipe, aba reía osenõiuakar
kunhã kuriboka, kunhã-poranga
maratekoara xe Jurema (BIS)
Ybyrapara u'uba abé no
aroporasei tasenoiuakar
kunhã kuriboka, kunhã-poranga
maratekoara xe Jurema (BIS)

(VAMOS CANTAR?)

Tava sentado na pedra fina
O rei dos índios mandou chamar (BIS)
Caboca índia, índia guerreira
Caboca índia do Juremar. (BIS)
Com meu bodoque eu sacudo as flechas
Com minha flecha, vou arriar! (BIS)
Caboca índia, índia guerreira
Caboca índia do Juremar. (BIS)

Nesse rito de Toré destacamos a expressão: “tava sentado *na pedra fina...*” Se trata de um tipo de pedra usada para amolar facas, foices e machados. Objeto comum nas casas dos parentes nas aldeias Potiguara. Quando o ‘REI’ dos índios chama, é como se fosse o cacique da aldeia para que você fosse dançar o Toré de limpeza do seu corpo. Nesse ritual é necessário descarregar toda a sua raiva, a inveja, o quebrante, mal olhado. Nesse sentido, se poderia ver as coisas que estavam para vim contra. Quando canta: “com meu bodoque sacudo as flechas, com minhas flechas, vou arriar”!... Significa dizer que se vai derrubar todas as forças do mal e vai “arriar ou radiar”, entrando para o mundo dos encantados. Para nós Potiguara, os piores sentimentos são esses citados, principalmente a “INVEJA” que destrói todo sentimento de parente que tanto usamos entre nossos irmãos biológicos ou não (Pedro Ka’aguasu, 2022).

A grafia do termo Toré com a inicial maiúscula neste texto constitui um posicionamento crítico (2). No léxico brasileiro o termo aparece identificado como um substantivo masculino cujos significados remetiam a: “trombeta indígena, dança indígena” e apareceu ainda como uma “religião indígena”. Nos aproximamos da autora La Cadena (2016) quando questionou o lugar dos indígenas atuantes politicamente nas narrativas da *História* e da *história* como “*sujeto, como forjador de la historia y sin embargo invisibilizado...*”. Nessa acepção, conforme aqui apresentado, a visão dos próprios indígenas transcende esses significados. O Toré constitui uma instituição múltipla e valiosa entre os povos, sobretudo no Nordeste brasileiro. *No ritual o Toré aproxima e faz entrar em consonância com os encantados. E nesse radiar, pedir proteção, livramentos cantados no rito do Toré* (Pedro Ka’aguasu, 2022).

Parnamirim, 15 de março de 2022

(2) Observamos que os(as) antropólogos(as) alternam a grafia do termo Toré, mas não deixam claro porque o fazem. Contudo, na maior parte das produções antropológicas o termo aparece grafado com letra minúscula.

REFERÊNCIAS

DE LA CADENA, Marisol. Aperturas onto-epistémicas: conversaciones con Marisol de la Cadena, Helene Risør y Joseph Feldman *Antipod. Rev. Antropol. Arqueol.* No. 32 · Bogotá, julio-septiembre 2018 · ISSN 1900-5407 · e-ISSN 2011-4273 · pp. 159-177. Disponível em: <https://doi.org/10.7440/antipoda32.2018.08>. Acesso em: 8 mar 2022.

DICIONÁRIO ON-LINE MICHAELIS. Busca pelo termo Toré. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/tor%C3%A9/>. Acesso em 12 fev. 2022.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. Companhia das letras. São Paulo. 2019.

TODD, Zoe. Indigenizing the Anthropocene. in: *Art in the Anthropocene: Encounters Among Aesthetics, Politics, Environment and Epistemology*. Heather Davis and Etienne Turpin, editors. Open Humanities Press. P. 241 – 254. 2015. Disponível em: https://law.unimelb.edu.au/_data/assets/pdf_file/0005/3118244/7-Todd,-Zoe,-Indigenizing-the-Anthropocene.pdf. Acesso em: jan 2022.

HARAWAY, Donna. Antropoceno, capitoloceno, plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. *Clima com Cultura Científica - pesquisa, jornalismo e arte* I Ano 3 - N. 5 / Abril de 2016. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4197142/mod_resource/content/0/HARAWAY_Antr opoceno_capitaloceno_plantationoceno_chthuluceno_Fazendo_parentes.pdf. Acesso em: 15 jan 2022.

Fotografia da peça artesanal. Acervo pessoal dos autores, 2021





Fotografia da peça artesanal. Acervo pessoal dos autores, 2021